

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17016 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 06 - Formação de Professores

RODAS DE CONVERSA E MANDALAS NARRATIVAS: UM PERCURSO HERMENÊUTICO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA INFÂNCIA

Alessandra Londero Almeida - UFPel - Universidade Federal de Pelotas

RODAS DE CONVERSA E MANDALAS NARRATIVAS: UM PERCURSO HERMENÊUTICO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA INFÂNCIA

RESUMO: Este estudo desenvolvido e concluído em nível de Mestrado, caracteriza-se pela busca por significados nas experiências formativas dos docentes. Discute, de modo central, o percurso metodológico que incorpora rodas de conversa e mandalas como instrumentos de pesquisa, ancorado em uma abordagem hermenêutica, voltada especificamente para a formação de professores da infância. O objetivo é compreender como esse percurso metodológico/hermenêutico pode fortalecer o processo de formação continuada ao explorar as memórias e histórias de vida dos docentes. A problemática abordada questiona: de que maneira a utilização de rodas de conversa e mandalas narrativas, fundamentadas na metodologia hermenêutica de Paul Ricoeur, promove a reflexão crítica e o desenvolvimento pessoal e profissional na formação de professores da infância? Para compreender as histórias pessoais e profissionais, foram realizadas três rodas de conversa, explorando as memórias de infância, as práticas pedagógicas, os desejos pessoais e as vinculações profissionais. Estas discussões partilhadas ampliaram o (auto)reconhecimento das professoras como sujeitos históricos, destacando sua capacidade de compreender as práticas culturais e pedagógicas. Os resultados indicam que essas práticas hermenêuticas fortalecem as identidades docentes, enriquecem a análise das memórias e contribuem para uma prática educativa mais consciente, empática e integrada.

PALAVRAS-CHAVE: Hermenêutica. Rodas de conversa. Mandalas narrativas. Formação de professores.

O exercício da docência na primeira infância é uma experiência singular, tanto por conta da especificidade das crianças que ali estão (0 a 5 anos), quanto por conta dos conhecimentos acionados no exercício da profissão. A díade “cuidado - educação”, base do trabalho na Educação Infantil, muitas vezes é mal compreendida, corroborando para um discurso que descaracteriza e desvaloriza a docência na primeira infância. Como consequência, iniciativas que amparam e fortalecem concomitantemente o sujeito-professor e o coletivo-docente, buscando conectar a unidade na multiplicidade, se fazem cada vez mais necessárias. Nesse contexto, propostas formativas que fomentam o reconhecimento docente, validando suas memórias, histórias e experiências, mostram-se potentes nos percursos de pesquisa e consequentemente no desenvolvimento pessoal e profissional dos professores. A busca por estratégias que não apenas evidenciam as trajetórias individuais dos docentes, mas

também promovam um ambiente de apoio mútuo e crescimento coletivo, vem timidamente direcionando pesquisadores da educação na primeira infância para o trabalho com rodas de conversa. Um caminho que também trilhamos aqui.

Com base nos estudos de Warschauer (2001), entendemos as rodas de conversa como espaços de escuta e sensibilidade acerca de uma determinada temática. Estar e conversar em roda, significa compreender com profundidade, produzindo reflexões no sentido de partilha. O trabalho com rodas envolve “capacidades relacionais, as emoções, o respeito, saber ouvir e falar, aguardar a vez, inserir-se na malha da conversa, enfrentamento das diferenças, e o esforço de colocar-se no ponto de vista do outro” (Warschauer 2001, p. 179). Em seu íntimo, elas representam aquilo que Jung (1959) chama de arquétipo da mandala, a representação geométrica da dinâmica relação entre o homem e o cosmo, ou seja, entre nós e aquilo que nos criou, entre nós e o universo. Entendemos que as memórias dos professores são acompanhadas da sua trajetória na educação, uma historicidade que transita entre o passado e o presente nas suas práticas cotidianas diante das crianças. Complementando essa perspectiva, Carl Jung dedicou-se a estudar as mandalas e seus estudos apontam que existe um processo de individuação, diferente de individualização. O autor conceitua a individuação como a busca da completude do ser, “significa tornar-se um ser único, na medida em que por individualidade entendemos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando também que nos tornamos o nosso próprio si-mesmo” (Jung, 2011, p. 63).

Desse modo, as mandalas apresentam um significativo papel na formação do imaginário humano. Por conta da já mencionada especificidade do trabalho na primeira infância, que é cercado por imagens socialmente difundidas sobre quem é o professor de Educação Infantil e o que faz um docente da primeira infância, a presente pesquisa, busca compreender como esse percurso metodológico/hermenêutico pode fortalecer o processo de formação continuada ao explorar as memórias e histórias de vida dos docentes, repercutindo os impactos no seu desenvolvimento pessoal e profissional. Ainda, estabelecemos como problemática da pesquisa a seguinte questão: de que maneira a utilização de rodas de conversa e arquétipos, fundamentadas na metodologia hermenêutica, pode promover a reflexão crítica e o desenvolvimento pessoal e profissional na formação de professores da infância?

Para atingir tal objetivo, a metodologia utilizada caracteriza-se como qualitativa, fundamentada na hermenêutica reconstrutiva de Paul Ricoeur. Segundo Ricoeur (2007), a compreensão é um processo mediado que envolve a interpretação de textos, símbolos e ações, facilitando a compreensão de si e do mundo. Nesse contexto, foram realizadas três rodas de conversa com professores da infância, nas quais foi explorado a infância das participantes,

suas experiências, práticas pedagógicas e suas memórias. As atividades incluíram meditações guiadas, compartilhamento de objetos significativos de suas trajetórias pessoais e docentes. Ao final de cada roda de conversa, cada participante construía uma mandala como forma de criar um ambiente propício para a reflexão e a partilha de memórias e experiências. O conceito de circularidade, atrelado às mandalas, implica a memória da história e assim percorre os tempos de passado e presente que estão imbricados na historicidade da sua simbologia.

A primeira roda de conversa teve como objetivo sensibilizar os professores para as correlações entre as narrativas de suas infâncias e a compreensão de si mesmos e do mundo. Cada participante trouxe um objeto de infância e alguns elementos da natureza para fomentar suas narrativas. Foram disponibilizados materiais como fios de lã, tecidos e papelão para a construção das mandalas. A roda começou com um momento de atenção plena, ajudando os professores a voltarem sua consciência para o presente e a rememorem suas infâncias através dos objetos escolhidos. Eles imaginaram um cesto onde colocaram suas memórias e sentimentos relacionados ao objeto. Em seguida, compartilharam momentos recentes que os fizeram sentir-se vivos, acolhendo suas bagagens emocionais. Foi realizada a leitura do livro "Palavra de Criança" de Patrícia Gebrim, convidando-os a um encontro com a criança interior. Após a leitura, os professores construíram suas mandalas da infância, acessando memórias de escolarização e brincadeiras. Eles compartilharam suas experiências e reflexões sobre como percebiam a criança que foram e o que dessa criança ainda vivia neles. O encontro encerrou com o compartilhamento de sentimentos, destacando o reconhecimento e entendimento do processo emocional que se iniciava.

Na segunda roda de conversa, o objetivo era relacionar virtudes percebidas nas figuras marcantes da escolarização dos professores com suas práticas atuais. Os professores trouxeram uma fotografia ou recordação de seu processo de escolarização para compor a segunda mandala. A roda iniciou com um momento de atenção plena, convidando os participantes a visualizarem um lugar agradável e estabelecerem um diálogo com uma figura importante de sua formação docente. Durante a meditação, refletiram sobre desafios e virtudes aprendidas que se tornaram tesouros escondidos na prática docente. Posteriormente, escreveram essas virtudes em pedaços de papel e as incorporaram em suas mandalas, junto com as fotografias. Os professores compartilharam memórias de suas primeiras professoras, figuras maternas, colegas e experiências na escola. Refletiram sobre como percebem essas virtudes em seu dia a dia, os fatores que os afastam dessas expectativas e quais sentimentos e pensamentos prevalecem em sua rotina. As narrativas revelaram como as memórias e experiências formativas influenciam sua prática docente, trazendo à tona emoções ligadas ao

passado e interpelações do presente. As rodas de conversa e a construção das mandalas neste momento, apontavam para um ambiente que proporcionou um espaço de entrega e reflexão, onde memórias de infância e figuras significativas se tornaram centrais para o entendimento da própria formação.

Nossa terceira e última roda de conversa foi antecedida pela solicitação de que os participantes escrevessem uma carta pessoal, fortalecidos por uma meditação encaminhada antecipadamente. A carta integrou a mandala final, contudo sua escrita não foi compartilhada. A intenção era de uma conversa íntima e de cunho pessoal com a criança que cada professor foi e das emoções e sentimentos que ainda os acompanhavam. Acreditamos que, de forma respeitosa, esse instrumento pode ser capaz de proporcionar um (re)encontro particular e acolhedor das experiências dos nossos professores. O encontro teve como objetivo permitir que os professores narrassem suas histórias e conectassem suas experiências de infância com a prática docente, possibilitando a resignificação de suas vivências. Os professores foram convidados a ajustar suas mandalas anteriores e participar da "mandala em movimento", onde se deslocavam para diferentes círculos representando sentimentos como conforto, culpa, medo e satisfação, conforme algumas frases/sentenças para professores da infância refletirem sobre suas emoções e experiências profissionais eram lidas. Entre elas, estavam: "Quando eu chego na escola, eu sinto...", "Ao compartilhar minhas ideias de trabalho com os demais colegas, eu sinto...", e "Quando penso sobre o meu processo de formação, eu sinto..." Tal momento revelou emoções variadas e complexas relacionadas às suas experiências na docência. No final, os professores tiveram a oportunidade de (re)escreverem e/ou modificarem suas cartas e criaram a última mandala em formato de estrela de oito pontas, simbolizando mudança, plenitude e regeneração. Este processo visava refletir sobre hábitos e atitudes que causam sofrimento e como mudá-las. Os professores foram então convidados a compartilharem os sentimentos predominantes ao final das rodas, entre eles: tranquilidade, acolhimento, satisfação, autoconhecimento e gratidão foram expostos. Os aprendizados relatados incluíram a compreensão da simbologia das mandalas, empatia, coragem, e o respeito pelos sentimentos do grupo.

Os encontros realizados indicaram que as rodas de conversa e mandalas como ferramentas metodológicas fomentam um caminho de pesquisa sobre formação docente com potencial para a conexão com as histórias de vida dos profissionais. Ao narrar suas próprias histórias, os indivíduos passaram a produzir textos nos quais se (auto)reconhecem como sujeitos históricos, conscientes de sua capacidade de compreender as práticas culturais e pedagógicas, contribuindo para a ciência histórica. Em um caminho semelhante, para Paul

Ricoeur, a interpretação hermenêutica se baseia na compreensão de símbolos e mitos no percurso de autocompreensão, inserindo a historicidade na reflexividade. Os sentimentos relatados de tranquilidade, acolhimento e autoconhecimento, possivelmente destacam a importância das rodas de conversa para o desenvolvimento pessoal e profissional. A hermenêutica reconstrutiva explora o caminho de pesquisa permeado pela sensibilidade e solicitude para com o outro, bem como pela compreensão de nossa evolução no processo de pesquisadores. Em outras palavras, um olhar hermenêutico sobre nossa prática de pesquisa nos permite identificar os efeitos das memórias vividas e contadas, bem como das histórias coletivas e epistemológicas, apagamentos, perdas e traumas sobre o ensinar, aprender e ignorar. Entendemos que as ferramentas metodológicas permitiram aos professores o processo de reconectar-se com suas memórias e virtudes, fortalecendo suas identidades docentes e contribuindo para uma prática educativa mais consciente, empática e integrada. As rodas de conversa proporcionaram um espaço seguro para que os professores compartilhassem suas histórias e experiências, o que permitiu que explorassem suas próprias trajetórias e desafios profissionais de forma colaborativa. As mandalas, por sua vez, serviram como ferramentas visuais e simbólicas que facilitaram a introspecção e a expressão de sentimentos e pensamentos. Ao criar e modificar suas mandalas, os professores puderam identificar e valorizar as virtudes e tesouros de sua prática docente, bem como enfrentar e transformar sentimentos negativos e traumas associados ao ensino e/ou suas práticas pedagógicas.

Este estudo sugere que a inclusão de metodologias integrativas e reflexivas, como rodas de conversa e mandalas, pode enriquecer significativamente os programas de formação docente. Ao fomentar um ambiente de diálogo aberto e autoconhecimento, tais ferramentas metodológicas ajudam a desenvolver competências socioemocionais e habilidades críticas nos professores, essenciais para uma prática pedagógica no viés de uma formação humana. Além disso, essas abordagens promovem a criação de uma comunidade de prática entre os educadores, fortalecendo o apoio mútuo e a troca de experiências que fomentam a construção da professoralidade docente. Incorporar tais práticas nos programas de formação docente não apenas apoia o desenvolvimento individual dos professores, mas também contribui para a construção de uma cultura educacional colaborativa, reflexiva e orientada para o bem-estar integral dos pesquisadores e professores. Por fim, consideramos que tal metodologia consiste em um instrumento enérgico para coleta de dados ao expressarem o diálogo como um elemento carregado de potencialidades, fato que ocasionou uma “experiência formativa” (Warschauer 2002, p. 49-60).

REFERÊNCIAS

JUNG, Carl G. – **Mandala simbolism.** Pricetown University Press, Princeton 1959.

RICOEUR, Paul. **A memória. A história. O esquecimento.** Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

WARSCHAUER, Cecília. **Rodas em rede:** oportunidades formativas na escola e fora dela. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2001. _____. A roda e o registro: uma parceria entre professor, aluno e conhecimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.